



**MOTIVAÇÃO MEMORIALÍSTICA EM SANGA, DE
[LUIZ SILVA] CUTI**

Luiz Henrique Silva de Oliveira!

RESUMO

Ao longo da trajetória poética do escritor afro-brasileiro [Luiz Silva] Cuti notam-se motivações memorialísticas como matriz poética, trazendo o passado para o presente (“passado-presente”) a fim de redimensionar o futuro (“futuro-presente”), conforme postula Paul Ricoeur (2000). O objetivo deste artigo é analisar os versos do referido autor tendo por base a motivação memorialística, em *Sanga*, obra publicada em 2002.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Poesia afro-brasileira. Poesia negra.

Evoco a imagem do Sol e logo se me apresenta a memória. Neste caso, eu não recorro a imagem de uma imagem, mas a própria imagem. É ela que se me apresenta quando a relembro. Nomeio a palavra “memória” e reconheço o que nomeio. (Santo Agostinho)

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente ao privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX. (Andreas Huyssen)

PALAVRAS INICIAIS

A memória não é apenas um mero ato de lembrar ou recordar; revela uma das características essenciais da existência humana, qual seja a relação com a dimensão temporal, com o que está invisível, ausente e distante, isto é, com o passado. Em alguns momentos, os textos do escritor (afro)brasileiro [Luiz Silva] Cuti utilizam-se de aspectos memorialísticos como matriz poética, trazendo

o passado para o presente (“passado-presente”) a fim de redimensionar o futuro (“futuro-presente”), conforme postula Paul Ricoeur. Desta forma, o objetivo deste texto é analisar o trabalho a partir da memória feito pelo autor e suas dimensões temporais, tendo como *corpus* poemas contidos em *Sanga* (2002).

MEMÓRIA

A memória é, por um lado, uma forma de presentificação ou (re)atualização do passado e, por outro lado, uma maneira de registrar o presente, o “instante já” de um fato, a fim de que este permaneça “nos palácios da memória”² sob forma potencial. Nas palavras de Marilena Chauí (2000, p. 125), “a memória é evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo.” A memória compõe-se, também, de constituintes bioquímicos. Mas esses não explicam por si mesmos o fenômeno mnemônico num todo, ou seja, não versam sobre como a forma de reconhecimento e a atuação de componentes afetivos incidentes na vida do ser humano.

Além dos componentes biofisiológicos (os quais Marilena Chauí chama de objetivos³) a memória apresenta também componentes subjetivos. São eles: a importância do fato para o sujeito que o viveu ou com o qual se identifica; o significado subjetivo, ou seja, emocional/afetivo contido no fato relatado; o modo peculiar como um fato impressionou/impressiona; o modo como o fato ficou/arquivado; o prazer ou a dor que o armazenamento do fato (ou sua lembrança) possa causar. Dessa forma, ainda que o cérebro registre “tudo”, a memória está menos para esse ato do que para o *sentido atribuído* ao que foi/é gravado e o *significado para o sujeito* que o rememora.

Dessa maneira, enquanto consciência de diferentes esferas temporais (passado, presente e futuro), a memória mostra-se como uma percepção interior, introspectiva, cujo objeto constrói o próprio sujeito, pois ativam-se: os fatos passados; o próprio passado do sujeito ou de alguma esfera com a qual ele se identifica; e o passado relatado/registrado por sistemas de linguagens quaisquer.

TIPOLOGIA MEMORIALÍSTICA E OS TEXTOS DE LUIZ SILVA| CUTI

Marilena Chauí (2000, p. 119) traça quatro tipos de memória, que fazem parte da consciência individual dos sujeitos empíricos: a memória perceptiva ou

reconhecimento, que é indispensável para a vida cotidiana, pois permite-nos identificar os componentes do mundo real, pessoas, lugares, sentimentos, objetos, etc.; a memória-hábito, que se utiliza da mimetização performática de gestos, palavras e comportamentos até o instante de automatização; a memória-fluxo-de-duração-pessoal, que atua pela rememoração de fatos, pessoas ou lugares e cujo significado é constituído da identidade do sujeito rememorador, uma vez que lhe incide o afeto; a memória social ou histórica, que se fixa num determinado complexo social via relatos/mitos fundadores, documentos históricos, monumentos, datas comemorativas, figuras ilustres, fatos ou locais que ativem algum significado para a coletividade.

Entretanto, os tipos de memórias estão presentes em determinados *lugares*. Se, segundo Paul Ricoeur (2000, p. 522-523), “os lugares de memória são, em primeiro lugar, restos que engendram outra história”, há que se classificar as funções desses locais – material, simbólica e funcional –:

el primero fija los lugares de memoria en realidades en que podríamos llamar ‘dadas’ y manejables; el segundo es obra de imaginación, garantiza la cristalización de los recuerdos y su transmisión; el tercero conduce al ritual, al que, no obstante, la historia tiende a desvirtuar como se ve con los lugares de refugio y otros santuarios (p. 523).

Em vários de seus textos, Cuti vale-se da memória-fluxo-de-duração-pessoal. A inscrição no campo da afro-brasilidade já explica o porquê da dimensão mnemônica: em toda a tradição afro-brasileira, o trauma da escravidão e suas consequências são temas constantes. As vozes dos negros, inscritas na alteridade, pretendem recontar o passado de nova forma, a fim de suplementar e/ou desconstruir (CULLER 1997, p.100) a versão predominante. Além disso, a literatura de Cuti (e da tradição referida) funciona como um *lugar* para o qual as funções material, simbólica e funcional da memória convergem, já que criam outra história de representação do sujeito/coletivo afro-brasileiro, diferente daquela inscrita no lugar-comum, no *establishment*.

Mas que pilares fundamentam uma literatura negra/afro-brasileira? Segundo Zilá Bernd (1988), são os fatores fundamentais para uma literatura negra a emergência de um enunciador que se inscreve como sujeito literário; a reconstrução/resgate da identidade afro; a reversão da carga semântica que estigmatiza o negro porque inserida na *práxis* cotidiana e a (re)criação de uma nova ordem simbólica capaz de expressar o afro-brasileiro sem recair na estigmatização⁴. Cuti vale-se desses pilares caracterizadores muito pelo uso da memória que o identifica como indivíduo afro pertencente a uma coletividade afro, o que o faz compartilhar experiências comuns (com a referida coletividade)

no tempo “presente” e analisá-las com base no passado, a fim de redimensionar as perspectivas para o futuro. Além disso, é necessária a leitura estética do passado, uma vez que tal ato opõe-se à musealização do ocorrido; ela está presa a uma necessidade da memória que quer o passado ativo no presente (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 57). A escrita de Cuti, em vez da mera representação/mímesis (COSTA LIMA, 2000, p. 37) tem no nível do registro seu vetor fundamental: *exposição* do passado com todos os seus fragmentos, ruínas e cicatrizes. A escrita de Cuti é, portanto, “uma poesia engendrada pela volta à natureza profunda de si próprio, pela reconstrução do eu que conseguiu sobreviver ao estigma da escravidão” (BERND, 1987, p. 118). O passado habita o presente e aquele é fator de ressignificação deste; o futuro é o objetivo do debruçamento crítico sobre o passado-presente.

Sanga, obra lançada em 2002, divide-se em quatro partes: *Afago e Fogo*; *Vias-Afro-Veias*; *Nosso Tempo*; *Dobraduras*. Em *Vias-Afro-Veias*, o autor trata propriamente da temática negra inscrevendo-a num mosaico de temporalidades - presente-passado-futuro. Os tempos não se dissociam, uma vez que perpassa nos textos a recorrência à memória e esta, por sua vez, opera além na percepção temporal pelo sujeito. *Nosso Tempo* aborda problemas contemporâneos mas que têm suas bases numa dimensão pretérita. *Dobraduras* aponta para uma constante multiplicidade de identidades e de temporalidades. *Vias-Afro-Veias* é a seção do livro que mais interessa neste estudo; nela, o poeta trabalha o percurso do coletivo descendente de escravo pela temporalidade brasileira e os problemas inscritos na epiderme desse coletivo. Centrar-se-ão, pois, as análises no último referido segmento, já que oferece amostragem precisa para a proposta de análise dita no primeiro parágrafo.

Em “Impasses e passos”, o eu-poético rememora o preconceito sofrido pelo descendente de escravo ao longo dos tempos; engana-se quem possa perguntar “que racismo há no Brasil?”. Vejamos o poema:

há um sono coletivo produzido em gabinetes
sono em sonho
overdose de nuvens brancas trotando trêfegas
esporas reluzentes
sobre nossos corações (*Sanga*, p. 35)

O sono coletivo é criticado pelo autor, pois esse reconhece um movimento histórico de “pacificar” o negro, acalentando-o. Essa pacificação advém dos “gabinetes”, locais que apontam para um campo semântico burocrático e moroso. Campo povoado pelas “nuvens brancas”, metáfora da dominação, historicamente centrada na figura do branco-senhor-de-terras. Cabe embora que as carreiras

escolhidas pelo segmento social dominante até o início do século XIX eram Medicina e Direito: a primeira para a manutenção da saúde da parcela dominante e a segunda para preparar os homens de Estado, ou seja, futuros governantes⁵. O sono, entretanto, consuma-se no texto pela aliteração da consoante “s” nos últimos dois versos: a imitação do som que representa o desejo de silêncio. Se literatura é antes de tudo linguagem, Cuti parece dizer muito mais do que está efetivamente escrito em seu texto.

No mesmo poema, o leitor é intimado a identificar-se com o poeta. A forma pronominal “nós” insere um debate sobre a própria identidade dos possíveis leitores e, não obstante, descentra o etnocentrismo mascarado em nossa sociedade. A postura do poeta visa “despertarmos antes de mais nada para a nossa culpa, pois nosso compromisso ético estende-se à morte *do outro*, à consciência do fato de que a nossa visão da morte chegou tarde demais.” (SELIGMANN-SILVA, p. 58). A metáfora de Seligmann-Silva, se dimensionada para a escrita de Cuti, sugere que o problema concerne à afro-brasilidade e de responsabilidade não só do grupo étnico constante na definição, mas de todo o amálgama social brasileiro. Além disso, a memória do trauma-escravidão é trazida para o “presente”, enquanto projeto para redimensionar o futuro. O poeta também percorre sua identidade no plano da memória, o que aponta para uma outra tipologia de memória: a coletiva, assombrada pelo mesmo trauma da escravidão. Observemos as marcas lingüísticas que confirmam as afirmações acima:

e sempre nos perseguirá a pergunta:
quem dentre nós tem mais de trezentos anos
e esconde ruínas de quilombos
dentro do peito? [grifos meus] (*Sanga*, p. 35)

A seleção vocabular é sem dúvida sugestiva. As palavras usadas mostram que uma sucessão de fatos trumáticos para a coletividade afro-brasileira está alojada “nos palácios da memória” desde os tempos coloniais, ou seja, tempos luso-brasileiros da cana e do ouro. Cuti já denunciara a linguagem como mecanismo de inculcamento de valores e, ao mesmo tempo, obstáculo para a expressão dos descendentes de escravos:

há autores negros preocupados com a metalinguagem, a estrutura dos textos, a construção das palavras. Não podemos ser ingênuos. A língua não foi estruturada de modo a facilitar o trânsito de nossos sentimentos e idéias, com facilidade. O código tem toda uma série de armadilhas, nas quais caímos por vezes. Precisa ser mexido, alterado, manipulado com a máxima destreza possível, o que implica lucidez e desconfiância. É a

linguagem. O fazer é quem garante que os 'nós' do código sejam desfeitos. Já contamos com neologismos, experiências estruturais novas, ousadias inusitadas com base na nossa experiência de negros. Arte é a liberdade de pesquisa, antes de tudo (In: ALVES & CUTI, 1987, p. 156).

O poeta procura combater a *melancolia chorosa*⁶, outrora presente nas escritas de alguns negros. Além disso, busca a conscientização sobre a reversão de valores inscritos no código linguístico como tarefa básica e primordial. Entretanto, tal tarefa merece muita perspicácia do autor, pois o trabalho com o código pode não reverter o campo semântico há muito instaurado. O perigo, aqui, reside numa iminente cilada da diferença: o escritor negro inflar sua voz apenas para um coletivo também negro. Daí a lucidez sugerida por Cuti e trabalhada em "Estética":

Quando o escravo
surrupiou a escrita
disse o senhor:

- precisão, sintese, regras,
e boas maneiras!
são seus deveres

enxurrada se riu demais em chuva
do contagotas e sua boia de borracha rota
na maior desaperecebida enchente daqueles tempos
adjetivos
ainda hoje em negrito (Sanga, p. 77)

O texto aponta para uma inserção da negritude no código dominante no momento em que "surrupiou a escrita". Os ditames do "senhor" não foram seguidos e há hoje um código perpassado pelos vocábulos oriundos d'África. Em algumas regiões brasileiras, percebe-se que cerca de 60% ou mais do repertório etimológico de vocábulos são originários do Centro, Sul, Leste e Sudoeste africanos⁷. Além do mais, as palavras (literatura é antes de tudo palavras e a representação da memória) proporcionam um abastadíssimo material de reflexão a respeito da história das sociedades em geral, vale dizer, do passado-presente e do futuro-presente dessas sociedades. Os movimentos da linguagem ocultam mas, ao mesmo tempo, revelam os movimentos dos desejos, dos medos, dos preconceitos e dos conhecimentos dos seres humanos. Examinadas com muito cuidado (no sentido heideggeriano), as palavras nos põem diante da nua e crua realidade da violência institucionalizada a qual tem marcado o desenrolar da história da sociedade brasileira: presença de uma repressão às vezes

camuflada, mas ininterrupta e dolorosa, na preservação das históricas hierarquias aqui localizadas há séculos.

Sabendo-se que passamos por traumas sucessivos (conquista, colônia, escravidão...), é notório, ainda, que o negro habite um "não-lugar" na sociedade brasileira. O deslocamento e as construções discursivas de inferioridade dos descendentes de escravos os alojaram/alojam num desejo de retorno impossível a um passado africano de paz. Vejamos o fragmento abaixo:

mastigaremos o silêncio ainda por muito tempo
no caminho de
volta
para o grande lar
que já não temos?

[...]

O "eu" se deita sobre o feno
Negaceia o nós em movimento
Nó da garganta se desata para dentro
Ecos se afogam no lamento (Sanga, p. 35)

O verbo no futuro (mastigaremos) remete a uma fusão das percepções temporais, uma vez que o passado zoomorfizou o negro, e como tal fora presentificado, e ainda há muito o que deslocar na sociedade brasileira para uma reversão da ordem dominante - branca, etnocêntrica, masculina e de classe média. Há, por parte do poeta, um desejo de retorno simbólico à África-Mãe, o grande lar. Esse, no entanto, não pertence aos negros em sua integridade. Observe-se que o continente passou pelo Imperialismo e se fragmentou em zonas de domínio (comercial, cultural, etc.) europeu. Consciente, o poeta utiliza o advérbio temporal "já", que quer dizer "agora", "neste instante", remetendos nos ao "presente". Entretanto, o "presente" é uma dimensão temporal, em última instância, incapturável; o "instante já", o "é" de qualquer evento é inapreensível. O "presente" pode ser entendido como o *Dasein*⁸ heideggeriano ("ser/estar lá"), sem uma precisão temporal, pois *Dasein* traz consigo as ruínas do passado e a espera pelo futuro. Dilacerado, o "eu" busca a si mesmo no coletivo (nós); entretanto, a dilacerada memória afro é, de alguma forma, *pharmakon*: "remédio e veneno": A rememoração, por um lado, mostra-se vital para a construção identitária e compreensão da experiência de estar no mundo - já que é preciso, como postula Paul Ricoeur, "lembrar para não esquecer"; por outro lado, veneno à trajetória de vida daquele que carrega a marca fenotípica da exclusão. A memória do trauma é, então, ora esquecida (para ser lembrada) e ora lembrada (para não ser esquecida).

PALAVRAS FINAIS

Cuti aborda a memória (e o esquecimento) a partir de práticas discursivas envolvidas no trabalho de *tecer memória*. Conforme Paul Ricoeur adverte, “o exercício da memória é seu uso” (2000 p. 82). A literatura que se pretende minimamente mnemônica ou testemunhal edifica-se através de um discurso que perpassa, potencialmente, pelo conceito ricoeuriano de *dever de memória*. Segundo o filósofo, “o dever de memória possui um elemento imperativo que distingue o trabalho de memória do trabalho de luto.[...] O dever como o que se impõe desde fora ao desejo e que exerce uma limitação sentida subjetivamente como obrigação.” (p. 119). Para Cuti, o dever/obrigação subjetiva do poeta está, dessa forma, no eixo central da motivação memorialística, qual seja “a justiça a que, ao extrair das recordações traumatizantes seu valor exemplar, transforma a memória em projeto”. Dessa relação (dever de memória X justiça), Ricoeur extrai três elementos: a alteridade – justiça que se dirige a outro; a dívida – o sentimento de estar comprometido com este outro; a vítima merecedora da prioridade moral.

Portanto, a poética de Cuti foi energizada “por aquilo que poderia ser chamado de ‘futuros presentes’” (HUYSEN, 2000, p. 9). No entanto, o foco parece ter-se deslocado para os passados presentes; esse deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo ainda precisa ser explicado historicamente, fenomenologicamente e literariamente. Este trabalho não tem a pretensão de pôr fim à discussão e nem mesmo de explanar delongadamente a questão. Aqui, busca-se apenas escrever as primeiras linhas.

MOTIVATION MEMORIALISTIC INSANGA, BY [LUIZ SILVA] CUTI

ABSTRACT

Texts by the African-Brazilian poet Cuti [Luiz Silva] have memorialistic aspects as their poetic matrix, bringing the past to the present (past that is still a significant part of the present) in order to re-dimension the future (“present-future”) as postulates Paul Ricoeur (2000). The aim of this article is to analyze the construction verse from the referred poet by diasporic aspect which is present in Sanga, published in 2002.

Keywords: African-Brazilian literature. African-Brazilian poetry. Black poetry.

NOTAS

- 1 Mestrando em Teoria da Literatura pela UFMG.
- 2 Cf. Santo Agostinho. *Confissões*. Livro X, Capítulo VIII.
- 3 Cf. CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. O capítulo 3, “A memória”, é um bom percurso introdutório sobre a constituição e o funcionamento da dimensão memorialística, assim como sobre sua relação com as Teorias do Conhecimento em diversas esferas.
- 4 Com relação aos pilares que sustentam ou fundamentam o sistema literário afro-brasileiro, consultar BERNARD, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 5 Não raro, Machado de Assis, em suas crônicas publicadas em vários dos jornais cariocas do século XIX e anualmente reunidas em suas *Obras Completas*, denuncia as “peripécias” da classe senhorial. De maneira sutil, por meio do que Eduardo de Assis Duarte chama de *poética da dissimulação*, Machado tece suas irônicas críticas.
- 6 Termo utilizado pelo poeta mineiro Marcos Dias, quando foi entrevistado a fim de construir seu verbete para o www.lettras.ufmg.br/literafro. Oportuno, pois visa à escrita afro enquanto ação afirmativa.
- 7 Para maiores detalhes sobre a formação etimológica de muitos vocábulos do português contemporâneo, conferir LOPES, Nei. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, [s/d].
- 8 O conceito *Dasein* foi tomado por empréstimo de Heidegger, em *O ser e o tempo*. Alinho-me a sua definição e especificidades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mirian; CUTI, Luiz Silva (Orgs.). *Criação crioula... nu elefante branco*. São Paulo: IMESP, 1987.
- BERNARD, Zilé. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Perspectivas, 1987.
- _____. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- CUTI, Luiz Silva. *Sanga*. Belo Horizonte: Mazza, 2002.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: UCAN/Aeroplano, 2000.
- RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de la Cultura Económica de Argentina, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.